

O discurso das prostitutas de Ilhéus sobre a Aids

Luísa Aquino Santos é aluna do Curso de Comunicação Social - Rádio/TV do DLA/UESC, bolsista do Programa Institucional de Iniciação Científica/UESC, sob orientação do Profº Dr. Odilon Pinto de Mesquita Filho

E-mail: luisa_comsocial@yahoo.com.br

Resumo

O presente trabalho tem por finalidade analisar a representação da AIDS para os grupos de prostituição do município de Ilhéus-Bahia. No tocante aos discursos de tais profissionais do sexo, observaram-se conceitos contraditórios destas no que se refere aos comportamentos preventivos associados à transmissão do vírus HIV. A partir desse estudo, buscou-se compreender tais discursos segundo conceitos propostos pela Análise do Discurso de linha francesa. Com isso, espera-se contribuir para a promoção de políticas públicas mais adequadas de comunicação para a saúde.

Palavras-chave: comunicação; discurso; prostituição; AIDS.

AIDS e prostituição: algumas considerações

A disseminação da AIDS, nos últimos anos, tem apresentado mudanças no que se refere ao perfil epidemiológico em todo o mundo. No Brasil, já foram notificados cerca de 371 mil casos da doença, e este número representa as considerações feitas desde a identificação do primeiro caso, em 1980, até meados de 2005. Segundo dados do Programa Nacional de DST e AIDS (2006), com relação ao Nordeste, a Bahia aparece como o segundo estado em casos notificados de HIV/AIDS, e Ilhéus – local da presente pesquisa – é a nona cidade em números de soropositivos: de acordo com o Centro de Referência Estadual em AIDS, foram ali registrados 110 casos em 2004.

Se historicamente considerado, o curso da epidemia no país pode ser dividido em três grandes fases: a primeira, caracterizada pela transmissão do vírus, principalmente entre homossexuais, com um nível alto de escolaridade, na qual o conceito de “grupos de risco” era largamente utilizado; a segunda, que inclui usuários de drogas injetáveis e pessoas com prática heterossexual; e uma terceira fase, na qual se observa uma maior disseminação entre heterossexuais, principalmente mulheres. As tendências mais acentuadas de mudança no perfil da AIDS indicam um padrão de crescimento acelerado entre mulheres, jovens e pobres, traduzido como feminização, juvenescimento e pauperização.

A respeito da relação entre AIDS e prostituição no Brasil, tem-se que a identidade social da mulher profissional do sexo foi construída a partir da sua condição de desviante das regras e normas estipuladas socialmente para o exercício da feminilidade. Numa abordagem histórico-higienista sobre a profissão, Teixeira (2000) cita que “a prostituta era considerada como uma ameaça para a construção da família

higienizada. Além de ser responsável pela degradação física e moral dos homens, era responsável pela destruição das crianças e da família”.

Com a disseminação de doenças venéreas, como a sífilis (que não possuía uma medicação curativa eficaz), percebeu-se a necessidade de uma intervenção profilática ou preventiva em relação à prostituição. A política sanitária adotada, por reconhecer a prostituição como um “mal necessário”, teve como uma das consequências a regulamentação isolacionista, que tolerava o meretrício apenas no âmbito fechado do bordel. Diante da emergência da Revolução Sexual dos anos 50 e 60, e com a emancipação social da mulher, acreditou-se que a prostituição sofreria uma substancial redução, o que não ocorreu. Assim, com o advento da epidemia da AIDS, já nos anos 80, e a popularização do conceito epidemiológico de “grupos de risco”, nos quais prostituta foi inserida, houve potencialização do estigma que vincula a mulher prostituta à disseminação de doenças sexualmente transmissíveis.

Atualmente, nota-se que, apesar de todas as modificações ocorridas no âmbito da sexualidade e do arejamento moral, a atividade da profissional do sexo encontra-se em franca expansão, inclusive aumentando a sua diversidade. Logo, diante da necessidade de medidas eficazes de prevenção, de acordo com pesquisas realizadas pela Coordenação Nacional de DST e AIDS, do Ministério da Saúde (2002), observa-se que: “a institucionalização, no setor saúde, das ações de prevenção das DST e da AIDS dirigidas a profissionais do sexo é necessária para assegurar a sustentabilidade e a ampliação dessas ações, evitando descontinuidade quando da restrição de recursos externos. Por outro lado, o Poder Público deve assumir sua responsabilidade com a promoção da saúde e a prevenção das DST e da AIDS junto aos e às profissionais do sexo, em vista de sua vulnerabilidade”.

Assim, diante do novo perfil da epidemia, há necessidade de novas abordagens em relação à prevenção e ao controle das DST e da AIDS, o que inclui o segmento das profissionais do sexo.

Material e métodos

Para a realização da pesquisa com os grupos de prostituição do município de Ilhéus, a fim de observar o discurso dos mesmos sobre a AIDS, as seguintes medidas foram adotadas:

- 1) seleção de onze profissionais do sexo, de casas de prostituição dos bairros do Malhado e Ceplus;
- 2) entrevistas com tais prostitutas, por intermédio da Cáritas Diocesana de Ilhéus (organização que faz parte da Rede Caritas Internationalis e que realiza um trabalho direto de prevenção à AIDS com as profissionais do sexo nas cidades de Ilhéus e Itabuna), obedecendo a um roteiro básico de questionamentos;
- 3) Transcrição das respostas obtidas;
- 4) Separação dos discursos da seguinte maneira: profissionais do sexo que são rígidas em relação à prevenção, e aquelas que só se previnem parcialmente;
- 5) Análise de dados segundo conceitos da Análise do Discurso de linha francesa.

A prevenção da AIDS entre as prostitutas de Ilhéus: uma formação ideológica

A AIDS é um tema cercado de controvérsias. Verifica-se, a esse respeito, a falta de informações que leva a opiniões distorcidas sobre formas de contágio, colaborando, assim, para a propagação irrefreável da doença. No tocante à prostituição – o que interessa aqui – os discursos das profissionais do sexo do município de Ilhéus, obtidos em abordagem de campo, por intermediação da Cáritas Diocesana de Ilhéus, para o desenvolvimento do presente trabalho, demonstram que há neles conceitos contraditórios a respeito dos comportamentos preventivos associados à transmissão do vírus HIV. Para algumas prostitutas, o uso da camisinha é exigido rigidamente:

(1) *Informante 1* - “Cada um tem que se prevenir da AIDS e se prevenir pra usar camisinha, porque sem a camisinha, não gera, né? Pode pagar mais, eu, por exemplo, como sou garota de programa, pode pagar mais, mas eu não vou. Tem que ser rígida, não tem que dar moleza a homem.”;

(2) “Já vi a propaganda dizer que a AIDS não tem cura, não tem cara e todos devem prevenir, né? Como tem no posto, eu já vi na televisão.”

(3) *Informante 2* - “Lá ele. A AIDS é a morte (pausa), é a morte. A AIDS é morte na certa. Não tem cura. Uma coisa que não tem cura é a morte, né? Aos poucos, mas é a morte”.

(4) *Informante 3* - “O último parceiro fixo que eu tive, nós só transávamos com camisinha, com preservativo”.

(5) *Informante 4* - “Hoje, vindo de Itabuna, eu vi muitas placas, mostrando, é...A AIDS não tem cara, é...Proteja-se da AIDS. E várias outras placas. Tem indicações assim”.

(6) *Informante 5* - “A AIDS pra mim é destruição. Tenho medo e preocupação”.

(7) *Informante 6* - “A AIDS é uma doença maligna. Muito medo”.

Para outras, no entanto, são admitidas relações sexuais sem a camisinha:

(8) *Informante 1* - “A AIDS pra mim é uma (Silêncio), é uma doença normal pra mim. É que nem um câncer. Um câncer pode pegar num braço, mas você tá viva. Mas se ele pegar de jeito, você morre. É que nem a AIDS. A AIDS você fica, ó... (estalos com os dedos), tempos e tempo, dez, vinte anos. E tem dela, não. Tem dela que quando pega merma de vez, com um mês já vai pra cidade de pé junto, né? Pra mim é normal...”;

(9) “Preocupação, medo, eu tenho, mas pra mim é uma doença qualquer. Todo mundo tem que ter medo. Se pegar, vai morrer. Se não pegar, vai morrer.”;

(10) “Mas é só de vez em quando, lá quando a galinha nasceu dente. Acontece, né? De vez em quando, quando acabou a camisinha.”;

(11) *Informante 2* – “Eu não vou mentir pra você que eu não uso sempre. Um ou dois que foi sem. Mas um namorado meu que eu tenho fora daqui. Ele trabalha, é policial ele. Ele fez exame, teste da AIDS. Só com dois ou três que eu fiquei sem. Mas depois que ele fez exame agora, quinze a vinte dias que a gente tá ficando. Se não tem nele, não tem em mim.”;

(12) *Informante 3* – “Preservativo? Todas as vezes. Mas muitas vezes já aconteceu de não usar.”;

Diante disso, para iniciar a análise dos discursos das profissionais do sexo do município de Ilhéus sobre a prevenção da AIDS, toma-se como fundamento o conceito de formação ideológica, inicialmente proposto por Althusser:

[...] falar-se-á de formação ideológica para caracterizar um elemento (determinado aspecto da luta nos aparelhos) susceptível de intervir como uma força confrontada com outras forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social em um momento dado; cada formação ideológica constitui assim um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classe em conflito umas em relação às outras (BRANDÃO, 1995 p. 47).

Assim, é possível inferir do discurso sobre a prevenção da AIDS entre as prostitutas de Ilhéus, que esse tema constitui uma *formação ideológica*. Dois discursos se originam dessa formação: um discurso de prevenção total, e outro, parcial. A partir dos trechos (2), (3), (5), (6), (7) e (9) das informantes 1, 2, 4, 5 e 6, nota-se uma certa preocupação das prostitutas a respeito da prevenção da AIDS. A questão, nessa particularidade, é considerar o tema prevenção da AIDS como uma formação ideológica. Ou seja, os discursos obtidos não devem ser considerados “individualizados”, e sim intrínsecos a outros discursos, outrora estabelecidos.

Percebe-se um consenso entre as profissionais do sexo no que se refere à necessidade de prevenção; assim, a formação ideológica é a mesma. As modificações dos seus discursos se darão nas instâncias das formações discursivas, que assim é definida (PECHÊUX, 1997): “[...] chamaremos, então, *formação discursiva* àquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que *pode e deve ser dito*”.

Tais discursos serão bifurcados do seguinte modo: o primeiro referindo-se à AIDS como uma doença normal, acompanhado do uso descontínuo do preservativo, e o segundo, que vem por inferir sobre a AIDS como algo terrível, sinônimo de morte, que necessita de prevenção constante. Assim, para os referidos discursos: “[...] a formação ideológica tem necessariamente como um de seus componentes uma ou várias

formações discursivas interligadas. Isso significa que os discursos são governados por formações ideológicas”. (BRANDÃO, 1995).

O trecho (10) da informante 1, que diz: “[...] mas é só de vez em quando, lá quando a galinha nasceu dente. Acontece, né?”, bem como no trecho (12) da informante 3: “[...] preservativo? Todas as vezes. Mas muitas vezes já aconteceu de não usar.” exemplificam bem o que aqui se quer definir. Quando se percebe em tais discursos a preocupação das prostitutas em afirmar que somente algumas vezes não se precaveram, toma-se aí novamente como base a noção de formação ideológica: elas têm consciência – diante da quantidade de informações e experiências às quais têm contato – de que a prevenção deveria ser ininterrupta, porém, não é o que ocorre efetivamente. Neste ponto, deve-se destacar que para Pêcheux (1997): “os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos-falantes (em sujeito de seu discurso) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes correspondem”.

No instante em que se fala em modificações dos discursos diante das diferentes formações discursivas, pode-se trazer novamente como exemplo o depoimento da informante 3 (trecho 12), que diz: “[...] preservativo? Todas as vezes. Mas muitas vezes já aconteceu de não usar”. A partir disso, percebe-se a tentativa de transmutar de uma formação discursiva (em que a AIDS é referida como uma doença normal, acompanhado do uso descontínuo do preservativo) para outra (que vem por inferir sobre a AIDS como algo terrível, sinônimo de morte, que necessita de prevenção constante). Quando a prostituta cita que usa o preservativo em todas as relações sexuais, ela se mostra um sujeito assujeitado à segunda formação, acima citada. Por outro lado, quando menciona o fato de que já teve várias relações sem utilizar camisinha, ela muda para a primeira formação discursiva citada, de caráter oposto. Em cada formação discursiva há uma relação própria com a formação ideológica. Pode mudar a cada posição-sujeito. Como explicita Orlandi (1996): “Isto acontece porque, ao passar de uma formação discursiva para outra, altera-se a relação com a formação ideológica”.

O discurso das prostitutas de Ilhéus sobre a AIDS: aprofundando a análise sobre as diferentes formações discursivas.

As considerações realizadas até aqui permitem que se indique a presença de diferentes formações discursivas, visto que há formas opostas no que se refere ao discurso a respeito da AIDS: a primeira refere-se a AIDS como uma doença normal, acompanhada do uso descontínuo do preservativo, e a segunda, que vem por inferir sobre a AIDS como algo terrível, sinônimo de morte, que necessita de prevenção constante. Para tanto, as análises deverão conceber como base os conceitos de discurso e formação discursiva propostos pela Análise do Discurso, visto que será observada a articulação entre ideologia e discurso:

O discurso é uma das instâncias em que a materialidade ideológica se concretiza, isto é, é um dos aspectos materiais da “existência material” das ideologias. Ao analisarmos a articulação da ideologia com o discurso, dois conceitos já tradicionais em AD devem ser colocados: o de formação ideológica e o de formação discursiva. (BRANDÃO, 1995 p. 37)

[...] chamaremos, então, *formação discursiva* àquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o *que pode e deve ser dito*. (PECHÊUX, 1997 p. 160)

A noção de Formação Discursiva irá representar, quando se fala em A.D., uma questão fundamental nas relações entre língua e discurso. “É a Formação Discursiva que permite dar conta do fato de que sujeitos falantes, situados numa determinada conjuntura histórica, possam concordar ou não sobre o sentido a dar às palavras, ‘falar diferentemente falando a mesma língua’. Isso leva a constatar que uma Formação Discursiva não é ‘uma única linguagem para todos’ ou ‘para cada um sua linguagem’, mas que numa Formação Discursiva o que se tem é ‘várias linguagens em uma única’”. (BRANDÃO, 1995).

Segundo os depoimentos obtidos a respeito da prevenção do vírus HIV, pelas profissionais do sexo da cidade de Ilhéus – objetos da presente análise – é possível atestar que elas estão assujeitadas a dois discursos distintos, acima citados. A partir dos trechos (8), em que compara as formas de contágio da AIDS com as do câncer, (9), em que acredita que a AIDS seja uma doença comum, a qual não se pode prevenir, (10) e (11), em que afirmam não usar a camisinha em todas as relações sexuais, das informantes 1 e 2, tem-se discursos que demonstram a ausência de conhecimentos pertinentes, quando se fala em transmissão do vírus HIV. A comparação da AIDS com o câncer, feita pela informante 1, identifica a percepção daquela como uma doença interna, predisposta no corpo, a qual não se pode prevenir. Daí entender que apesar da informante ter citado em outras considerações a importância do uso da camisinha, há desacordo entre as informações. Assim, numa segunda formação discursiva, a doença já é entendida como algo externo; o que pressupõe uma necessidade ininterrupta de prevenção. No trecho (1) da informante 1, entende-se que a mesma só tem relações sexuais com clientes utilizando preservativo, até mesmo se for melhor remunerada sem a utilização deste. A formação discursiva aí é da AIDS como uma doença sexualmente transmissível e incurável, visto que é dada uma importância particular ao uso da camisinha.

Diante disso, compreende-se o assujeitamento das prostitutas a dois discursos opostos. Nesse ponto, segundo Orlandi (1996): “[...] essa contraditoriedade é pensada na análise do discurso, em dois lugares especialmente: a) pela ilusão do sujeito de que ele é a fonte de seu dizer, quando na verdade o seu dizer nasce em outros; b) pela relação existente entre a formação discursiva e a formação ideológica. Isto é, essa contraditoriedade deriva do fato de que há a interpelação do indivíduo em sujeito feita pela ideologia”. Deste modo, entende-se que os trechos da informante 1 estabelecem essa noção de contraditoriedade proposta por Orlandi. As formações discursivas percebidas nas falas da prostituta são contrapostas: enquanto nos trechos (1) e (2), ela insiste na idéia de prevenção em quaisquer circunstâncias, no trecho (10) ela se contradiz, quando afirma que caso não haja preservativos disponíveis, ela é capaz de ter relações sexuais sem a utilização dos mesmos. O mesmo é observado no trecho (12) da informante 3, quando num dado momento, ela cita que usa preservativo “todas as vezes”, mas que “muitas vezes já aconteceu de não usar”. A incoerência observada nas noções das profissionais do sexo sobre a AIDS vem confirmar a incidência de diferentes

formações discursivas; os sujeitos do discurso não se dão conta de que estão assujeitados a tais formações.

As concepções sobre Formação Discursiva abrangem tipos de funcionamento. Interessam, quanto a isto, dois conceitos básicos para o entendimento das formações discursivas distintas em relação à prevenção da AIDS pelas prostitutas de Ilhéus: a paráfrase e a polissemia.

(...) enquanto a paráfrase é um mecanismo de ‘fechamento’, de ‘delimitação’ das fronteiras de uma formação discursiva, a polissemia rompe essas fronteiras, ‘embaralhando’ os limites entre diferentes formações discursivas, instalando a pluralidade, a multiplicidade de sentidos. (BRANDÃO, 1995 p. 39)

Retomando a análise por meio desses conceitos, nota-se que os enunciados do trecho (1) da informante 1, “Cada um tem que se prevenir da AIDS e se prevenir pra usar camisinha, porque sem a camisinha, não gera, né? Pode pagar mais, eu, por exemplo, como sou garota de programa, pode pagar mais, mas eu não vou. Tem que ser rígida, não tem que dar moleza a homem.”; bem como no trecho (4) da informante 3, “O último parceiro fixo que eu tive, nós só transávamos com camisinha, com preservativo”, têm-se paráfrases, visto que nestes exemplos, as entrevistadas tentam preservar as identidades como profissionais do sexo cuidadosas no que se refere à preservação da AIDS. Diante do conjunto de enunciados, esse seria o esforço, tomando como base os conceitos de Brandão (1995), a fim de marcar as fronteiras, até porque a cautela em relação ao uso da camisinha seria fundamental para que as prostitutas pudessem ser mais bem aceitas na profissão. “De um lado, há um retorno constante a um mesmo dizer sedimentado – a paráfrase – e, de outro, há no texto uma tensão que aponta para o rompimento. Esta é uma manifestação da relação entre o homem e o mundo (a natureza, a sociedade, o outro), manifestação da prática e do referente na linguagem” (ORLANDI, 1996).

Numa face oposta, toma-se a polissemia como base para a análise, proposta por Orlandi em 1996. Os enunciados das entrevistas foram considerados parafrásticos quando pertencem a uma mesma formação discursiva; e foram considerados polissêmicos quando pertencem a diferentes formações discursivas; nesse ponto, outra autora tomada como referência foi Brandão (1995).

Considerações finais

Diante de tal cenário, em que se observam disparidades nas ações preventivas em relação à AIDS, a proposta de investigar o discurso das prostitutas de Ilhéus sobre a doença suscita a percepção da necessidade de melhorias nas políticas públicas de comunicação para a saúde. Como bem explicita Teixeira (2000): “por serem compartilhadas por um grande número de pessoas, um status de verdade incontestável é conferido a essas formas de cuidado, repassadas de geração em geração, o que é agravado pela ausência de contraposição de informações técnicas, capazes de auxiliar o processo efetivo de promoção da saúde dessa população”.

Conforme visto, tomaram-se como base para este trabalho alguns conceitos pertencentes à Análise do Discurso, visto que estes forneciam as dimensões teóricas necessárias à presente análise. Primeiro, partiu-se do pressuposto de que o tema “prevenção da AIDS” entre as profissionais do sexo é uma formação ideológica, visto que os discursos obtidos não deveriam ser considerados “individualizados”, e sim intrínsecos a outros discursos, outrora estabelecidos, segundo os conceitos de Brandão (1994). Posteriormente, os discursos obtidos foram separados em duas instâncias, as chamadas formações discursivas, tomando aqui como base os conceitos de Brandão (1994) e Pechêux (1997): um referindo-se à AIDS como uma doença normal, acompanhado do uso descontínuo do preservativo, e outro, que vêm por inferir sobre a AIDS como algo terrível, sinônimo de morte, que necessita de prevenção constante.

Os discursos foram ainda considerados como parafrásticos (pois as entrevistadas tentam preservar as identidades como profissionais do sexo cuidadosas no que se refere à preservação da AIDS), e polissêmicos (quando pertencem a diferentes formações discursivas); nesse ponto, os autores tomados como referenciais foram Brandão (1995) e Orlandi (1984, 1996).

Portanto, o objetivo deste trabalho foi de fornecer subsídios para uma análise de como a AIDS – e suas formas de prevenção e contágio – vem sendo compreendida pelas profissionais do sexo do município de Ilhéus, visto que esse é um segmento de grande vulnerabilidade à doença, por ser ligado diretamente à prática sexual. E, assim, contribuir para uma possível, e necessária, adequação de políticas públicas de promoção da saúde.

Referências Bibliográficas

BEM, Arim Soares do. **A dialética do turismo sexual**. Campinas (SP): Papirus, 2005.

BELLUSHI, Andrezza; ARAÚJO, Jorge Luís de. **Projeto de acompanhamento domiciliar: travestis e homossexuais soropositivos**. 2003. Disponível em: <<http://www.saudebrasilnet.com.br/premios/aids/premio1/trabalhos/006.pdf>>. Acesso em 18 jul. 2006

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. São Paulo: Ed. da UNICAMP. 4ª edição: 1995.

LAGENEST, JP Barruel de. **Mulheres em leilão: Um estudo da prostituição no Brasil**. Ed.Vozes. 1977.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Trad. Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001. pp. 71-83.

MANN, J., TARANTOLA, D. E NETTER, T. **A AIDS no Mundo**. Rio de Janeiro, Ed. Relume Dumará. 1994.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Profissionais do sexo: documento referencial para ações de prevenção das DST e da AIDS**. Organizado por Paulo R. Teixeira. Série Manuais, nº 47. Brasília, 2002.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Relatório de Conclusões e Recomendações do Seminário Nacional “Aids e Prostituição”**. Março, 2002. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/final/novidades/prof_sexo.relatorio.htm>. Acesso em: 20 jul. 2006.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Aprenda sobre a AIDS: a AIDS no Brasil**. 2005. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/data/Pages/LUMIS13F4BF21ITEMID61A4A499808A4774BA4BB32A19F36450PTBRIE.htm>>. Acesso em: 20 jul. 2006.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 4^a ed. Campinas, SP: Pontes, 1996. 276p

PECHÊUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 2^a.ed. Campinas, SP: Pontes, 1997.

ROBERTS, Nickie. **As Prostitutas na História**. Tradução de Magda Lopes. Record: Rosa dos Tempos. 1998.